



OS 25 ANOS DO DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA AIDS NA FOLHA DE S. PAULO¹

THE 25TH ANNIVERSARY OF WORLD AIDS DAY IN FOLHA DE S. PAULO

Ana Cláudia Condeixa de Araújo²

Resumo: Por meio deste trabalho buscamos refletir como a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), considerada a maior epidemia do século XX, foi tratada pela Folha de S. Paulo no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, 1 de dezembro, entre os anos de 1988 a 2013, desde o primeiro ano em que a data foi “comemorada” no Brasil até 25 anos depois, quando a epidemia completou 30 anos. Sabemos que os jornais foram fonte segura de informação e, por muitas vezes, a única referência sobre o assunto para a população. Igualmente, os jornais funcionaram como interface para que o governo, os profissionais da saúde, os pesquisadores e os movimentos sociais pudessem fazer chegar notícias até os brasileiros. Ao todo, foram xxx matérias, entre manchetes de primeira página, editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas ao Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, direta ou indiretamente. Do montante reunido, destacamos 11 capas, por acreditarmos que a primeira página de um jornal é a vitrine, a cara com que o veículo se apresenta aos leitores, ou seja, tudo que se julga ter valor de notícia está presente nas capas dos jornais. Além das capas, há mais seis matérias do interior dos jornais, mas relacionadas às chamadas de capa, dos anos de 1992, 1996 e 2001, quando coincidentemente ambos os veículos publicaram matérias sobre a temática. A cobertura priorizou o cenário nacional e o discurso científico, relacionando os dados nacionais com os internacionais, entretanto reservou pouco espaço em suas capas para tratar do tema, ainda que tenhamos escolhido uma data de culminância. A mídia, cuja divulgação das notícias da saúde é muitas vezes problemática, cumpriu seu papel de levar informação ao seu público leitor, mas deixou abertos flancos sujeitos à penetração das questões morais e ideológicas.

74

Palavras-chave: Aids, imprensa, acontecimento discursivo

Abstract: Through this work we seek to reflect how the Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS), considered the greatest epidemic of the 20th century, was treated by Folha de S. Paulo on World AIDS Day, December 1, between the years from 1988 to 2013, from the first year in which the date was "celebrated" in Brazil until 25 years later, when the epidemic turned 30. We know that newspapers have been a secure source of information and, for many times, the only reference on the subject to the population. Likewise, the newspapers functioned as an interface so that the government, health professionals, researchers and social movements could send news to the Brazilians. In all, there were xxx stories, including front-page headlines, editorials, stories, articles, reports

¹ Texto retirado da tese defendida pela autora em 15 de setembro de 2016, sob o título A AIDS e a Imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do Dia Mundial da Luta Contra Aids de 1988 a 2013.

² Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/Fiocruz, coordenadora dos cursos de Jornalismo e de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda da Universidade do Grande Rio José de Souza Herdy-Unigranrio - email: ana.araujo@unigranrio.edu.br.

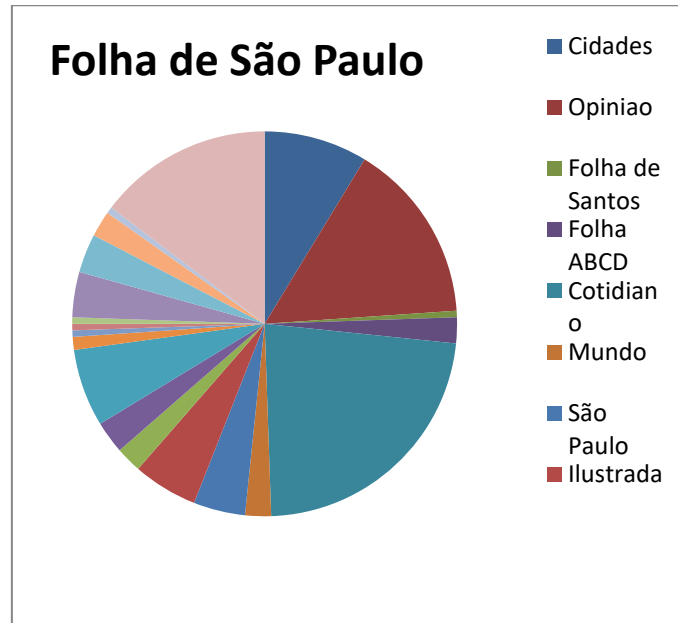


and interviews on World AIDS Day, directly or indirectly. Of the amount collected, we highlight 11 covers, because we believe that the front page of a newspaper is the window, the face with which the vehicle presents itself to the readers, that is, everything that is believed to have news value is present on the covers of the newspapers. In addition to the covers, there are six more stories inside the newspapers, but related to the cover calls, from the years 1992, 1996 and 2001, when coincidentally both vehicles published articles on the subject. The coverage prioritized the national scene and the scientific discourse, relating the national data with the international data, however reserved little space in its covers to deal with the theme, although we have chosen a date of culmination. The media, whose disclosure of health news is often problematic, fulfilled its role of bringing information to its readership, but left open flanks subject to the penetration of moral and ideological issues.

Keywords: AIDS, press, discursive event

O Dia Mundial da Luta Contra a AIDS na Folha de São Paulo

A Folha de S. Paulo publicou, entre 1988 e 2013, 184 matérias com referência ao HIV/AIDS. Este montante diz respeito a editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas às “comemorações” do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS ou não, mas, que tinham relação ao tema. O tema foi manchete em 11 capas, exatamente nos anos 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2001 e 2008. Quanto à localização dentro do periódico, foram publicadas nas seguintes editorias: Cidades (16 matérias); Opinião (28 artigos); Folha de Santos (1 matéria); Folha ABCD (4 matérias); Cotidiano (42 matérias); Mundo (4 matérias); São Paulo (8 matérias); Ilustrada (10 matérias); Folha Norte (4 matérias); Folha Sudeste (5 matérias); Folha Nordeste (2 matérias); Folha Vale (1 matéria); Folha Teen (12 matérias); Ciência (1 matéria); Acontece (1 matéria); Campinas (7 matérias); Ribeirão (6 matérias); TV Folha (4 matérias); Folha Equilíbrio (1 matéria), além de uma Edição Especial AIDS com 27 matérias. Incluímos nessa conta dois anúncios.



Em 1988, o primeiro ano de nossa pesquisa, a FSP publicou além da chamada de capa, dez matérias, todas na editoria Cidades. As reportagens “Vigia se diz contaminado, sai nu e cria medo na véspera do Dia contra a AIDS; “Caso revela preconceito e despreparo” e artigo “Escritor relata caso de Pinheiros”, que está em outra página, a C-02, complementam a chamada de capa e relatam a história, apresentando diferentes olhares. Mais do que narrar o fato de que um homem nu, ferido e sangrando andou por duas horas “afirmando ser aidético”, espalhou medo, o mesmo foi perseguido por policiais, bombeiros, enfermeiros e reuniu em torno de si uma multidão, a FSP trouxe a fala de Gustavo, tenente da polícia militar; José Francisco de Almeida, porteiro; Georges Garcia Moreira, Auxiliar de Escritório; Carlos Vecchi, fotógrafo; Flávio Tine, Assessor de Imprensa do Hospital das Clínicas; Custódia Ferreira Cardoso, mãe de Wellington e representantes de entidades como a Pastoral da Saúde, o GAPPA, a ABIA e a Secretaria Estadual de Saúde, especialistas na área, além de um escritor para comentar o caso. Entretanto, a matéria aponta para um consenso, o preconceito e o despreparo das autoridades públicas. Ainda neste mesmo dia, o jornal publicou sete outras matérias onde à epidemia era o tema. Entre as reportagens de cunho científico como “Pesquisa quer ‘identidade’ dos vírus brasileiros”, “Fiocruz estuda relação com mal de Chagas” e “OMS calcula em 10 milhões os contaminados no mundo” estavam duas coberturas sobre eventos “Debate na Folha discute doença”, e “Brasil promove eventos para marcar a data”, que mostram que havia interesse em falar sobre o assunto. Outras duas matérias “Vaticano estuda a criação de ordem especial de apoio a aidéticos” e “Igreja implanta um projeto que dá assistência aos doentes em SP” apontam para a posição da Igreja Católica em relação à epidemia.

Um ano depois, em 1989, mesmo não havendo capa, oito matérias e um artigo foram publicados. O artigo intitulado “Um desafio chamado AIDS” e de autoria de Seifo Tsuzuki, Cirurgião e Ministro da Saúde alertava quando ao impacto social e epidemiológico causado pela AIDS. Já a matéria “Prefeitura Santista começa a distribuir seringas e agulhas”, noticiava as providencias que Santos, considerada a 'capital nacional da AIDS' durante duas décadas, estava tomando para controlar a transmissão de HIV. Entre as



demais matérias algumas se tratavam de para denúncias como a falta de leitos para atender doentes em São Paulo, a interrupção da distribuição do AZT ou ainda que o número de infectados pudesse chegar a seis milhões em uma década. Esperança mesmo o leitor ia encontrar na notícia de que Cazuza receberia uma nova droga.

O ano 1990 a AIDS teve uma grande exposição na FSP. Ao todo foram 28 matérias e na Primeira Página a chamada era para o Caderno Especial AIDS que, com apenas oito páginas, gerou 27 matérias abordando os mais variados assuntos dentro do mesmo tema. Entre tantos olhares sobre a epidemia foi abordada como aquela doença que foi considerada rara uma década antes e que dez anos depois enfrentava opiniões controvertidas quanto a seu futuro. O mesmo caderno trouxe a crítica veemente de Herbert Daniel sobre a Campanha “Eu tenho AIDS, não tenho cura!”, “catastrófica” e “preconceituosa”, disse o escritor, sociólogo, jornalista brasileiro. Com o que parece surpresa, os jornalistas noticiaram “Medo da doença não afeta baile gay no Rio” ou ainda “Em São Paulo, crescem números sobre outras doenças venéreas”. Com bastante destaque revelam que os EUA pregam benefícios da masturbação. Ou ainda, a notícia de uma pesquisa sobre sexo anal em São Paulo. Diz a matéria:

“Os paulistanos de classe média, com educação secundária ou superior, que não usam drogas injetáveis e não mantêm relacionamento sexual com homossexuais e bissexuais, não estão livres da Aids. Exibem comportamentos que aumentam o risco de serem contaminados pelo vírus causador da doença: poucos usam camisinha, 40% a 45% costumam fazer sexo anal e 20% dos homens se relacionam com prostitutas. As mulheres não têm diminuído o número de parceiros sexuais” (FSP, Especial AIDS, página 2, 1990).

77

Interessante também foi observar que a Folha não só investiu em matérias voltadas à capital, mas, o interior do estado aparece bastante das 184 matérias, 31 eram voltadas aos cadernos com Folha de Campinas, Folha de Ribeirão etc. O artigo “Faltam recursos para tratar aidséticos” do médico infectologista Hamilton Bonilha de Moraes, publicado na Folha ABCD é um exemplo entre tantos.

Em 1991, foram publicadas quatro matérias mais a chamada de capa. Todas as reportagens tinham um tom bastante positivo, pois, trouxeram *grosso modo* informações que colaboravam tanto na prevenção quanto no tratamento. Exceto a matéria “Ato em SP marca o dia da luta contra AIDS em SP” que noticiava um evento que ONGs fizeram no viaduto do Chá, um dia antes, onde foram feitas palestras e distribuição de material educativo como parte das atividades do Dia Mundial da Luta contra a AIDS, duas se referiam aos benefícios do tratamento com homeopatia e uma em especial noticiava a descoberta de uma nova droga o SB-73, obtido a partir de um fungo que foi apresentado por pesquisadores brasileiros na 7ª Conferência Internacional Sobre AIDS, realizada em Junho, na Itália. No ano de 1992, só teve chamada de capa e uma matéria interna.

Os gastos com a epidemia foram notícia como poderemos observar na Análise XX. O tema AIDS originou 21 matérias, um anúncio, um infográfico, quatro artigos e uma seção de cartas Painel do Leitor no ano de 1993, resolvemos incluir o Painel porque pela primeira vez não houve uma carta isolada, mas quase todas. Como só analisamos as capas, contabilizamos e consta aqui para registro. O artigo de Caio Rosenthal, médico infectologista do Hospital do Servidor Público Estadual, do Instituto de Infectologia Emilio Ribas e do Hospital Albert Einstein, falava do inconformismo da população com



o surgimento da AIDS nos anos 80, comparando-a a doenças infecciosas e contagiosas como a Hanseníase, Tuberculose, Sífilis, doenças mentais e etc. O outro artigo intitulado “Estamos perdendo a luta” do Diretor do Serviço de Saúde da Clínica de Doenças Infecciosas e parasitárias, David Eperson Uip, denunciava que estávamos longe de uma solução definitiva. O Dr. Dráuzio Varella em seu artigo afirma que metade dos casos da doença ocorre em jovens de até 25 anos. Mesmo nos países desenvolvidos, a AIDS é a principal causa de morte entre os homens de 15 a 40 anos e uma das principais causas entre mulheres da mesma faixa etária. Havia ainda um artigo do jornalista humorístico José Simão cujo título foi Use camisinha! Bota o boné no João-Teimoso. Muitos eventos também foram noticiados além do lançamento da Campanha do Ministério da Saúde, os artistas da cena teatral paulistana que foi às ruas para vender broches com máscaras da tragédia e da comédia para arrecadar fundos para a assistência dos profissionais do teatro portadores do vírus HIV. A exposição ‘day without art’ (dia sem arte) do museu de arte moderna de Nova York como forma de pedir mais ação contra a AIDS. Um grande concerto de música pop no estádio de Wembley com George Michael, Élton John e K.D Lange com a renda revertida para a causa. A cantora Madonna, em sua turnê mundial implora ‘Transem, não importa como, nem com quem, o sexo do parceiro não é importante... Cuidem da AIDS, mas transem’. As demais matérias, em sua grande maioria, eram informativas como a publicada na Folha Rio Preto: “O Hospital de Base do Rio Preto realiza em média 567 exames por mês” ou a matéria que revela que a maioria dos cartazes, outdoors e vídeos usam a imagem de pacientes em estado terminal, assim como mensagens alarmistas e desta forma estaria afastando e não mobilizando as pessoas de fazer o teste e começar o tratamento. Na matéria “Camisinha na bolsa ou no bolso impõe respeito e dá segurança” revela que meninos adolescentes admitem que veem com respeito a menina que não só anda com uma camisinha na bolsa, como que também sabe coloca-la ‘Não tenho vergonha de contar isso, minha namorada sabe usá-la e já me ensinou como colocar no lugar certo, pelo menos umas três vezes, diz o estudante Leandro Manoel de Lima, 19’. Há ainda a história do ex-garoto de programa Christian R, há dois anos sabe que tem o vírus HIV, fez o exame quando descobriu manchas pelo corpo. “É possível que tenha pego o vírus três ou quatro anos atrás, quando ainda era um menino e fazia “ponto” na avenida São Luiz, região central de São Paulo”. Já o auxiliar de escritório Roberto, 22, descobriu em sete meses depois que o namorado morreu. Os testes confirmaram que estava com o vírus. ‘Primeiro, cuidei dele. Depois fiz os exames. Você atraí o que pensa, sei que vou ficar doente algum dia, mas prefiro imaginar que isso só acontecerá no ano de 2010’, revelou.

Em 1994, 12 matérias e um artigo abordaram o tema nesta data. Sete matérias são do interior do estado e falam das lutas locais pela prevenção e tratamento. O artigo do médico infectologista Caio Rosenthal, articulista bastante presente na Folha de São Paulo, durante o período que compreende nossa pesquisa, denuncia ‘gostaríamos de passar alguma mensagem positiva ou comemorar uma vitória, mas nesse ano no Brasil, não houve lutas e por isso não há vitórias. É nosso dever registrar essa sórdida omissão e indiferença frente ao avanço da doença no país’. Outra denúncia revela que a saúde tenta descobrir número de infectados fazendo exames, sem o conhecimento das pessoas para detectar portadores que não desenvolveram a doença. O programa lançado pelo Ministério da Saúde, com o sugestivo nome de “Vigilância Sentinela” dá uma ideia. E mostra que há mais infectado com o HIV do que os números oficiais indicam. Outra matéria revela que a AIDS fará órfãos:



“Até o ano 2000, cerca de 5,5 mil crianças ficarão órfãs de pai ou mãe vítimas da Aids no mundo todo. Nos próximos cinco a dez anos, 2,7 milhões de crianças e 3 milhões de mulheres deverão morrer vítimas da doença..Hoje, a cada 24h, 6.000 pessoas são infectadas pelo HIV. Até o final do século, os soropositivos terão mais de 40 milhões. Destes, 10 milhões serão crianças”(FSP, Cotidiano, pag. 3, 1994).

Curiosamente a matéria do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, “País é elogiado por combate ao vírus” parece contrapor as notícias de maus resultados. O repórter diz que o Brasil está sendo citado pelo Banco Mundial como exemplo de país bem sucedido na luta contra AIDS, por tê-la definido como investimento com retorno de grande porte em curto prazo. “O Banco financiou diversos projetos de combate à AIDS no Brasil e considera os resultados até agora obtidos como excelentes”, diz a reportagem. A previsão Rosana del Bianco, chefe da Unidade de Assistência à Saúde e AIDS, do Ministério da Saúde, “Saúde promete medicamentos” revela que o fornecimento do DDI – medicamento usado para tratamento da AIDS – deve estar sendo entregue ao estado em até 20 dias, o remédio estava em falta há cerca de um mês nas unidades de saúde de São Paulo. Já a matéria “Aidético processa irmãos em SC” traz o depoimento do projetista Guilherme da Silva, 36 anos, internado no Hospital Nereu Ramos, que está processando seus quatro irmãos para garantir seu direito de receber parte dos bens deixados pelos pais. “Segundo Silva, eles o abandonaram quando os sintomas da AIDS surgiram. Todos foram coniventes com meu abandono.”, diz a matéria.

O ano que mais se morreu em decorrência da AIDS, 1995, contou com apenas nove matérias. A notícia alarmante de que 12 milhões de pessoas no Brasil devem ter doenças sexualmente transmissíveis, o que seria uma porta de entrada para o vírus, estampou a Primeira página. O professor Luiz Mott, em seu artigo, denuncia “ Apesar dos progressos da medicina o HIV continua indestrutível”. Nos EUA novo medicamento é aprovado pela FDA, agência que regula alimentos e drogas naquele país, o Saquinavir. No Brasil, segundo Bernadete Waldvogel, Gerente de Indicadores e Estudos Populacionais, as mulheres entre 20 e 54 anos vítima de AIDS já representam 16,37% de todas as mortes de mulheres no estado de São Paulo. Das 2.335 mulheres nessa idade que morreu em 1994, 830 foram vítimas da doença. A Polícia de Santos apreendeu os 500 kits enviados pelo governo do Estado para o programa de troca de seringas. A ideia era evitar que os usuários de drogas injetáveis, que já haviam compartilhado seringas, pudessem trocar e a partir daí não dividir mais com outras pessoas, mas, a polícia não viu com bons olhos a iniciativa. Em contraponto a tanta notícia ruim e desalento, a nota de que dezenas de pessoas deitaram em frente ao [Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP](#), na Avenida Paulista, em sinal de protesto pelo Dia Mundial, a notícia de em Encontro no Emílio Ribas e a distribuição de Cartilhas, complicação de todas as leis que envolvem o direito dos infectados pelo HIV, soaram como conquista.

Em 1996, além da capa que faz parte do item quatro de Análise, há um artigo de Luiz Mott, este ano intitulado “Um mundo uma esperança”, três matérias sobre eventos como o show “Ney Matogrosso, um brasileiro que canta Chico Buarque” com a presença de Chico César, a caminhada dos cariocas partindo do Leme e o “Show pela vida” no Ginásio do Ibirapuera que reuniu, entre outros, as duplas sertanejas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo. Mas, a matéria “‘Macho’ latino transmite vírus a mulheres” relata que cultura latino-americana que classifica o bissexual ativo como ‘macho’ vem



provocando um crescimento rápido no número de mulheres infectadas e acaba por levantar uma questão que pouco se explora: a bissexualidade masculina. Não veremos neste periódico outro momento em que se discuta o assunto.

Das seis matérias que figuram no ano de 1997, dois são artigos. Caio Rosenthal aborda o fato de que não há registro na história da medicina de progressos tão rápido quanto aqueles que assistimos com a AIDS. O texto ainda fala sobre a evolução do vírus HIV em todo o mundo. Já José Aristodemo Pinotti, Deputado Federal do PSB de São Paulo e Professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, aborda o fato de que os casos de mulheres eram de uma para cada 50 homens. “Hoje os casos são de uma mulher para dois homens. A incidência de AIDS aumentou muito”, denuncia. Entre as demais matérias tem a estreia da camisinha feminina que promete “maior autonomia para as mulheres” e o fato de que a epidemia será tema da Bienal de Humor diz o texto de Pedro Cime, “Rir certamente não é o melhor remédio contra a AIDS, mas pode ser uma excelente forma de prevenção”. Além dessas as notícias são desfavoráveis como a que revela que cerca de 40 milhões de pessoas estarão infectadas pelo HIV ou doente da AIDS no ano 2000. O número equivale a um quarto da população brasileira. A cada minuto, uma pessoa é infectada no mundo ou a que quantifica o número de órfãos no mundo: “Hoje, estima-se que 8,2 milhões de crianças de até 14 anos tenham perdido o pai ou mãe por causa da doença. O mundo terá 16,5 milhões de órfãos da AIDS no ano 2000”.

Em 1998, na antevéspera da virada do milênio, não houve capa, as notícias foram quatro e em sua maioria falavam do interior do estado. Os médicos infectologistas Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak, no artigo “AIDS em 1998: Progressos e retrocessos” denunciam que não acontecem enormes novidades todos os anos. Os fatos já não ocorrem na velocidade dos anos anteriores, nem mesmo a enfermidade tem o mesmo destaque jornalístico. “Acostumamo-nos com as desgraças; a propósito, A AIDS não é exceção”, diz o artigo.

Um ano depois, em 1999, 13 matérias e a capa abordaram o tema. Deste montante, 10 eram voltadas aos cadernos do interior, que só circulam por lá. Os temas das dez matérias falavam sobre morte, falta de remédio, o aparecimento de AIDS entre moradores de rua. O caderno Campinas anuncia “O número de pessoas que morreram em decorrência da AIDS caiu 44,7% desde 1995 no Estado de São Paulo. Os números foram divulgados pela Fundação Seade”. A informação não circulou na capital, apenas no interior. Das três, dois eram artigos e a outra da editoria Mundo. Mais uma vez Caio Rosenthal, articulista já conhecido, defende que: “Ao contrário do que deveria ocorrer com malária, esquistossomose, cólera, dengue, etc. A AIDS não pode acabar por decretos.” O artigo dos médicos infectologistas Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak sob o título “Especulações sobre a evolução da epidemia” vai mais longe:

“Os últimos anos foram prodígios em drogas eficientes contra o vírus HIV, e é correto dizer, com toda a segurança, que a doença causada por ele pode ser postergada, talvez para muito longe. Muitos pacientes não sabem quantos, terão possibilidade de evitá-la, desde que tomem a medicação de maneira adequada todo o tempo. Esse detalhe é crucial.” (FSP, Opinião, pag. 3, 1999).



A matéria do correspondente Marcio Aith, publicado na editoria Mundo, revela que “Erros médicos matam entre 44 mil e 98 mil pessoas nos EUA, todo ano, mais do que acidentes de carro, AIDS ou câncer no seio”

Em 2000, sete matérias de diferentes editorias davam as notícias da AIDS, inclusive a capa com uma chamada mínima para o Editorial. O trio de articulistas Caio Rosenthal, Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak levam ao leitor suas opiniões de especialistas. Caio desta vez acompanhado do colega Mario Scheffer, defendeu os direitos e deveres “É dia de comemorar as conquistas, lamentar as perdas e renovar as esperanças”. Já Vicente e Jacyr falavam das mudanças no perfil da doença e dos infectados. Na Folha Cotidiano anunciou que estava suspenso o corte nas verbas para o combate a AIDS e a matéria de Aureliano Biancarelli denunciava que “Doentes de AIDS que não respondem mais aos medicamentos disponíveis na rede pública estão entrando na Justiça para garantir o acesso a novas drogas”. O caderno Ilustrada na seção TV trazia duas notas: a primeira era a exibição no GNT do documentário "Morte por negligência", produzido pela equipe do jornalístico "60 Minutes". A epidemia se alastrando pela África, seu surto e as consequências para o resto do mundo era o tema do filme. E a outra nota era que pelo do quarto ano consecutivo a MTV dedicaria sua programação ao Dia Mundial da Luta contra AIDS e apresentaria um quiz informativo comandado pelo médico Jairo Bouer.

Em 2001, além da capa, cinco matérias no caderno Cotidiano e as notícias abordavam a queda nos números de mortos pela AIDS. A jornalista Leila Suwvan abordou em sua matéria “Contaminação por AIDS segue em queda” o fato dos programas de prevenção à AIDS no Brasil conseguiram reduzir a incidência da doença de 12,2 casos por 100 mil habitantes para nove por 100 mil entre 1999. Entretanto, o Ministério da Saúde está preocupado com o fenômeno da "feminilização" da epidemia: “Entre mulheres, no entanto, cresce o número de infectados pelo vírus HIV; hoje elas são 1/3 dos casos notificados”. Seguindo com a boa nova, o Estado de São Paulo registrou quase metade dos casos de AIDS já notificados no país, com 101.435 dos quase 216 mil registros acumulados desde 1980. Curiosamente, segundo dados divulgados pela Unaid (programa da ONU de combate à AIDS) e pela OMS, o número de pessoas infectadas pelo HIV hoje, é cerca de 40 milhões. O vírus espalha-se na Europa Oriental como em nenhum outro lugar no mundo. Um exemplo é a Rússia, que deve ultrapassar mais de 75 mil novos casos até o final desse ano.

A matéria de Aureliano Biancarelli abre 2002 noticiando que política de AIDS no futuro governo petista terá duas grandes dívidas sociais para saldar, entre outras pendências: “aumentar o acesso ao tratamento por parte das gestantes com HIV ou AIDS e oferecer aos presidiários infectados o mesmo tratamento que recebem os doentes comuns”. O artigo do médico David Everson Uip revela que O programa brasileiro para tratamento de pacientes com AIDS é um dos melhores do mundo. É reconhecido e testado como eficaz. Na matéria de Marcelo Bortoloni, especialistas como Antônio Carlos Egypto, Coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Alexandre Grangeiro, Membro do Conselho Nacional de DST e AIDS e o psicólogo Fernando Falabella, “acham que as emissoras brasileiras ainda não possuem uma política responsável de prevenção à doença. De acordo com eles, a maioria dos canais estimula a sexualidade sem o cuidado de alertar os riscos da contaminação pelo vírus HIV”. Outra revelação importante fica por conta da teóloga Yury Puello Orozco cuja pesquisa para sua tese foi ouvir mulheres católicas e contaminadas com o vírus HIV. Segundo a autora,



“todas elas se casaram na igreja e ouviram do padre a pregação de que deveriam ser devotas a seus maridos e que eles cuidariam delas e seriam igualmente fiéis”.

Em 2003, o Programa Nacional de DST/AIDS recebeu US\$ 1 milhão da Fundação Bill & Melinda Gates como reconhecimento às ações de prevenção e assistência no país. Os recursos foram doados para ONGs que trabalham com portadores de HIV/AIDS. O Programa é considerado por diversas agências de cooperação internacional como referência mundial. Na matéria: “Meta é tratar três milhões de portadores do vírus 2005”, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Unaid (Programa das Nações Unidas para a AIDS) anunciam o lançamento de uma campanha para simplificar a distribuição dos remédios e melhorar a eficácia do tratamento da doença. “A meta é fornecer tratamento a três milhões de portadores do vírus HIV até 2005”. Enquanto isso, em seu artigo, o médico Jairo Bauer (aproveitando que a data caiu numa segunda, dia de sua coluna no FolhaTeen) mostra sua preocupação porque se no Brasil os números apontam uma estabilização no crescimento da Aids, no mundo tanto o número de infectados quanto o de mortos pela Aids bateram recordes. As notícias brasileiras foram mesmo positivas como pudemos observar também na matéria de Aureliano Biancarelli, “Em academias, pacientes usam exercícios para reverter deslocamentos da gordura e recuperar antiga forma do corpo”. Se antes, os pacientes de AIDS queriam viver, agora querem mais estão se organizando e "malhando" para recuperar os corpos que tinham antes da doença: “Hoje, nas manifestações que marcam o Dia Mundial de Luta contra a AIDS, milhares deles estarão exibindo as formas e a energia que costumavam mostrar antes de caírem vítimas da doença”.

82

Em 2004, duas matérias são publicadas sobre o tema e ambas marcam denúncias. A matéria de Iuri Dantas avisa que a AIDS está fora de controle em alguns lugares do país: “A epidemia de AIDS no Brasil cresce de forma "preocupante" entre mulheres, negros, pobres e pouco instruídos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, informa o Ministério da Saúde.” O artigo do já conhecido infectologista Caio Rosenthal em parceria com o comunicador social e sanitarista Mário Scheffer não fica atrás e revela que:

“Passados mais de 20 anos desde a descoberta do HIV, já existem no Brasil quase 4.000 municípios com registros de casos de Aids. Os prefeitos eleitos precisam assumir que a epidemia ainda é um grave problema de saúde pública, que não está restrita aos grandes centros e não pode ser combatida só no âmbito das políticas nacionais. Os governantes locais, assim como a sociedade em geral, parecem se importar cada vez menos com uma doença que antes, sem tratamento e letal, mobilizava tantos esforços. A banalização e o comodismo são também alimentados pelo paternalismo centralizador do Ministério da Saúde e pela questionável ideia de que a Aids está sobre controle”. (FSP, Opinião, pag. 3, 2004).

Em 2005, a epidemia completa 25 anos e a quebra de patente dos remédios para o tratamento da AIDS se torna urgente, como se pode observar no artigo “A inadiável quebra de patentes” de Caio Rosenthal e Mário Scheffer que trata da uma ação civil pública contra a União, movida pelo Ministério Público Federal e diversas organizações não governamentais para pressionar o governo. O tema é novamente abordado pelo Ministro da Saúde Saraiva Felipe que neste caso voltou a defender a decisão de não quebrar a patente do medicamento Kaletra, para pacientes com AIDS, após saber que o Ministério Público Federal e seis ONGs pretendem entrar hoje com ação na Justiça para



tentar obrigar o governo federal a adotar a medida. As demais notícias abordam a realidade da epidemia em outros países, como é o caso do jornalista que preferiu entre contar a verdade sobre a epidemia de AIDS na África, o que geraria uma história sobre exploração, governantes irresponsáveis e ganância ou culpar vítimas, decidiu pela segunda opção. No documentário ‘Living With AIDS’, Samura chega ao cúmulo de fazer um discurso sobre vergonha a um jovem doente e pouco instruído que lhe diz que não usa camisinha com as companheiras eventuais.

Em 2006, conta com apenas uma matéria cujo título é “Brasil não contém transmissão do HIV e da sífilis da mãe para o bebê”. Fabiana Leite notícia que o governo federal propõe uma mobilização nacional para reduzir casos de transmissão do HIV e sífilis das mães para os bebês, a transmissão vertical. Em 2007, a Folha notícia que o governo federal vai colocar máquinas de distribuição de preservativos em cerca de cem escolas de ensino médio da rede pública no ano que vem. Em 2008, além da capa, a AIDS foi abordada, por exemplo, pelo Banco do Brasil em anúncio institucional cujo texto dizia que:

Existe um mal que não tem cor, não tem idade e nem sexo. Que está presente em nosso dia-a-dia e no daqueles que amamos. Que pode passar despercebido e contaminar inúmeras pessoas, podendo afetar a qualidade de vida de muitas outras. Se você pensou em Aids, mude os seus conceitos. Porque é de preconceito que estamos falando. (FSP, Cotidiano, pag. 9, 2008).

83

A outra preocupação visivelmente observada na publicação foi com a qualidade de vida dos que vivem com AIDS. Duas matérias abordam o tema e revelam que dados preliminares de uma pesquisa com 540 pacientes em HIV atendidos em nove Centros de Referência e Treinamento DST/AIDS da cidade de São Paulo mostram que 25% deles estão com sobrepeso, os obesos soropositivo deve buscar atividade física assim que começar a tomar a medicação.

Em 2009, o Ministério da Saúde lançou uma campanha com o slogan “Viver com AIDS é possível. Com o preconceito não”. Ao mesmo tempo, uma notícia chama atenção, pois, revela que após 13 anos de queda no número de mortes, o panorama muda: “Balanço da Secretária Estadual de São Paulo mostra que a taxa de mortalidade por AIDS no Estado subiu pela primeira vez desde 1995. O número de mortes em 2008 foi de 8.2 por 100 mil habitantes, contra oito por 100 mil no ano anterior. Morrem cerca de 3.300 soropositivos por ano”. Vicente Amaro Neto e Jacyr Pasternak em seu artigo “Do começo à cura?” se perguntam se a infecção pelo HIV é de fato uma doença nova na história humana e fazem relação com “a passagem de vírus de duas espécies de antropóides próximos à nossa linhagem, chimpanzés e gorilas, com mais outra passagem (o HIV-2) de macacos verdes africanos”. Para ele o HIV já existe desde os anos 1930 e só foi descoberto em 1980. Já os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer propõem revelar a face oculta da AIDS:

“Mais de uma década depois da chegada dos medicamentos que compõem um tratamento eficaz, a infecção pelo HIV ganha novos contornos e a determinação em prolongar a vida a todo custo convive com situações que começam a preocupar pacientes e médicos. Com mais de 30 drogas potentes disponíveis no mundo para combater o HIV, grande parte das pessoas conseguem manter o vírus indetectáveis na corrente sanguínea. As gravíssimas doenças oportunistas tornaram-se raras, e a



mortalidade foi estabilizada em 30 casos de óbito por dia no Brasil”. (FSP, Opinião, pag. 3, 2009).

Em 2010, os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer dão continuidade ao artigo do ano anterior e publicam “*Aids, novos tempos*”. Ao mesmo tempo a notícia de que as mortes por AIDS no Estado de São Paulo atingiram o nível mais baixo em 20 anos, segundo a Secretaria de Saúde, exibiu um quadro favorável. A matéria “Vivendo com a AIDS e o preconceito” de Tarso Araujo contou a história de Melany Lima que foi contaminada pelo HIV na amamentação. Perdeu o pai aos dois anos e a mãe, aos 13. Ela é de Céu Azul (PR) e é integrante de uma rede de jovens com HIV, participa de uma campanha que será lançada contra a discriminação dos soropositivos. “Melany vai prestar vestibular para Medicina”, revela a matéria.

Em 2011, mais uma vez, os articulistas Caio Rosenthal e Mário Scheffer no artigo “É possível derrotar a AIDS” discutem o quanto é importante enfrentar a epidemia e dizem “há 15 anos, do coquetel de medicamentos que permite uma vida normal, o mundo espera notícias capazes de alterar os rumos da epidemia de Aids, que até hoje impõe sofrimento e perdas humanas”. Porém na mesma edição uma matéria revela pesquisa acerca da desinformação da população. Segundo 19,2% da população da cidade de São Paulo, homossexuais e prostitutas são os únicos com risco de contrair o vírus HIV. Em 2012, dois artigos são publicados em primeiro de dezembro, Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. O artigo do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, sob o título “*O Brasil avança no combate à Aids? SIM*” onde o autor afirma: “Reduzimos fortemente a transmissão da gestante para o bebê e a taxa de mortalidade por Aids nos últimos anos”. A dupla Caio Rosenthal e Mário Scheffer parece não concordar, pois, publica na mesma edição artigo que defende que enquanto o mundo vislumbra a erradicação do HIV e uma geração livre da Aids:

“o Brasil retrocede no combate à doença, vive da divulgação seletiva de dados e do ufanismo diante de uma epidemia supostamente controlada. A Aids está fora de controle no país em várias regiões em grandes centros e em grupos vulneráveis”. (FSP, Opinião, pag. 3, 2012).

Por fim, em 2013, ano que terminamos nossa pesquisa, a Folha só teve uma publicação e mais uma vez foi um artigo de Caio Rosenthal e Mário Scheffer diz o artigo:

“É bem possível que muitos de nós ainda estejamos vivos para assistir ao fim da epidemia da Aids. A ciência busca freneticamente uma vacina. Já em teste, drogas menos tóxicas e de efeito prolongado prometem substituir as doses diárias que pacientes tomam por toda a vida. Ganha força a ideia da cura funcional da Aids, a redução do HIV a um nível tão baixo no organismo ao ponto de o sistema imunitário assumir o controle da infecção, mesmo sem medicamentos.”(FSP, Opinião, pag. 3, 2013).

Nosso objetivo é compreender como a imprensa, no caso do nosso objeto, a Folha de São Paulo e O Globo, tratou a AIDS no período de 1988 a 2013, observando a necessidade de uma data específica para fortalecer a luta contra a intolerância e a favor da solidariedade, da compaixão e da compreensão para com as pessoas infectadas. Era de



suma importância observar esse único dia no ano, quando as atenções se voltaram para os doentes, os dados, os avanços, os tratamentos de HIV/AIDS e, assim, partimos desse pressuposto para justificar nossa pesquisa, o de analisar as capas publicadas nesse dia durante 25 anos, desde o ano em que o Brasil passou a comemorar, em 1 de dezembro, o Dia Mundial da Luta Contra a AIDS³.

Nossa análise tomou como objeto os jornais Folha de São Paulo e O Globo, de onde construímos nosso *corpus*. De início, nossa proposta seria analisar a chamada das capas (com tema AIDS) e, quando houvesse, fotografias, ilustrações e infográficos e o respectivo *lead*. Entretanto, dado o teor de algumas notícias, recorreremos, algumas vezes, às matérias no interior do jornal, as quais tinham sido anunciadas na primeira página pelas chamadas. Constituímos, assim, nosso *corpus* sob análise. A noção de *corpus*, em AD, estrutura-se pelo conjunto de sequências discursivas, definidas por Courtine (1982), com base em:

“O discurso como objeto deve ser pensado na sua *especificidade*. A adoção de uma concepção especificamente discursiva deve evitar, se é verdade que o discurso pode ser pensado como uma relação entre o linguístico e o ideológico, reduzir o discurso à análise da língua ou lhe dissolver dentro da perspectiva histórica sobre a ideologia como "representação". Pelo contrário, se trata de manter a análise linguística, da qual certos procedimentos – notadamente sintáticos – fornecem a linguagem de descrição e a técnica de manipulação de sequências discursivas, e, por outro lado, a análise histórica das condições de formação dos conjuntos ideológicos como discurso. E com isso levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, isto é, que produz seu lugar de proposições teóricas.”

85

Segundo um levantamento prévio (conferir Tabelas III e IV), constatamos que a Folha de São Paulo dedicou, no período de 1988 a 2013, 11 capas, enquanto o GLOBO, seis capas. Do ponto de vista discursivo, essa diferença quantitativa, necessariamente, não corresponde a uma diferença qualitativa no tratamento dado ao tema AIDS. Somente ao final da análise, poderemos concluir sobre a posição discursiva dos dois jornais, bem como sobre a densidade do enfoque creditado ao tema. Passemos à análise.

Folha de São Paulo

A Folha de São Paulo conta com distribuição nacional, e seus 1.086.000 leitores estão espalhados por todo o país. Circulam, de segunda a sábado, 300.736 exemplares; no domingo, 332.631⁴. Não foi possível identificar nenhum dado sobre assinaturas digitais. Em relação ao público leitor, sabe-se que 15% são da classe A; 61% da classe B; 22% da classe C, as classes D/E aparecem com 2%. Quanto ao gênero, os homens representam 54% do público leitor e as mulheres, 46%. A respeito da faixa etária, 66% encontram-se entre 25 a 64 anos, entretanto, a maior concentração de pessoas está entre

³ Transformar o 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a Aids foi uma decisão da Assembleia Mundial de Saúde, em outubro de 1987, com apoio da Organização das Nações Unidas – ONU. A data serve para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão com as pessoas infectadas pelo HIV/aids. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas. No Brasil, a data passou a ser adotada, a partir de 1988, por uma portaria assinada pelo Ministério da Saúde.

⁴ Exemplares: IVC Fevereiro/2016 - http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml



35 a 44 anos, com 26%. Entre as características dos leitores, 87% têm interesse em atualidades; 62% se interessam por finanças e orçamento familiar; 49% têm interesse em política internacional e 57%, em política nacional; 51% têm interesse em psicologia/comportamento; 74% costumam fazer compras nos shopping centers; 74% pretendem viajar nos próximos 12 meses; 85% têm acesso à internet; 79% têm casa própria e 38% têm TV de plasma, LCD, LED, 3D⁵.

Atualmente, o veículo roda com sete cadernos diários, são eles: o caderno Poder, dirigido prioritariamente à cobertura de política, Justiça, questão agrária, movimentos sociais, imprensa e religiões, além de outros temas de relevância nacional; o caderno Mundo, que busca informar o leitor sobre os principais acontecimentos políticos e sociais no exterior. Textos analíticos e didáticos acompanham as principais notícias, de modo a assegurar ao leitor entendimento preciso sobre o conteúdo do noticiário e suas implicações no contexto de cada país ou região; o caderno Ciência cobre as áreas de pesquisa em ciências naturais e de ambiente no Brasil e no mundo e tem o objetivo de tornar compreensível às pessoas leigas o trabalho de setores especializados; Mercado traz as principais decisões da política econômica, os grandes negócios nacionais e globais e as principais alterações no panorama econômico mundial e seus reflexos no Brasil; o Cotidiano (noticiário local), o Esporte (jornalismo esportivo) e Ilustrada (cultura e lazer), além de sete suplementos semanais: Folhinha (para o público infantil), Tec (tecnologia e redes sociais), Equilíbrio (saúde e qualidade de vida), Turismo (destinos de viagens nacionais e internacionais), Ilustríssima (arte, ciência e humanidade), Comida (cultura gastronômica e dicas de culinária) e *The New York Times* (fatos da semana que ocorreram em território internacional).

A análise de discurso tem como primeiro passo, como já assinalamos anteriormente, o enfoque da discursividade, assinalando aí as sequências discursivas de referência (SDs) e os operadores discursivos (marcas no domínio linguístico), elementos-chave para o desenvolvimento da análise.

Em termos operacionais, recortamos a análise por cada manchete e pelo ano da edição do jornal. Embora nossa proposta tenha como meta o enfoque das capas num período de 25 anos, desde já observamos que, durante esse período, nem todas as capas abordam o tema no Dia Mundial da Luta Contra a Aids. Começamos a análise pela Folha de São Paulo, que teve a Aids como destaque em 11 capas, nos anos de 1988, 1990, 1991, 1992, 1993, 1995, 1996, 1999, 2000, 2001 e 2008.

1988: Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto

A capa do dia 1 de dezembro de 1988 traz o título “Nu, vigia diz ter Aids e causa tumulto”. A chamada para a matéria ocupa um espaço importante, quatro colunas numa página, ocupando um espaço de 16,5 X 14,5 cm⁶ ao fim da página à direita com foto e legenda. A foto ocupa mais espaço que o texto, e a imagem mostra um homem nu amarrado ao poste, sendo observado por duas pessoas, com a seguinte legenda: Wellington

⁵ Fonte: Ipsos Marplan- Estudos EGM - 1º Trimestre de 2014 - Leitores da Folha de S.Paulo - Grande São Paulo

⁶ Optamos por trabalhar indicando a centimetragem, apenas para verificar o tamanho da matéria e a descrição da localização dentro da página para compreendermos a matéria dentro do espaço total.



Cardoso dos Santos, algemado, é amarrado num poste por PMs após percorrer ruas de Pinheiros dizendo-se aidético ameaçando contagiar pessoas.

SD1

Na véspera do Dia Mundial Contra a Aids, que se celebra hoje, o vigia desempregado Wellington Cardoso dos Santos, 25, passou duas horas andando nu pelas ruas do bairro de Pinheiros, São Paulo, gritando ser aidético. Ele cortava seu corpo em vários locais, ameaçando contagiar com seu sangue os policiais que tentavam prede-lo e quem passasse por perto.

No *lead* em destaque acima, o que se percebe de imediato é a menção à véspera do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, seguido do episódio envolvendo o vigia. Duas atitudes do vigia que serviram de mote à notícia resumem o fato de se estar com AIDS e a possibilidade de contaminação só pelo contato com o sangue do infectado. Do ponto de vista discursivo, a notícia é trabalhada num tom ao mesmo tempo alarmista – aidético solto nas ruas, ou seja, sem amparo – e especulativa, quando lança a afirmativa sobre a possibilidade de fácil contaminação. Além disso, não há nenhuma comprovação de o vigia ser, de fato, portador da doença: “dizendo-se aidético”.

Além disso, chama a atenção o fato de essa manchete ocupar um espaço significativo num jornal de grande circulação nacional no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, e a notícia não tratar nem da AIDS, tampouco da comemoração da data. Nos trechos grifados por nós “vigia desempregado”; “gritando ser aidético” e “ameaçando contagiar com seu sangue”, observa-se uma discursividade figurativa e um possível alerta sobre as consequências da AIDS. O repórter usa a palavra “desempregado” para (des)qualificar Wellington, mesmo que o faça de forma disfarçada quando informa que ele tem uma profissão, “vigia”. Ainda se assinala uma posição discursiva de preconceito do jornal com relação a pessoas pobres, contaminadas e soltas pelas ruas, representando uma ameaça à população.

Sobre a AIDS, suas formas de tratamento e prevenção, e o porquê da criação de um dia de luta contra a doença, não há qualquer referência. O texto metaforiza a AIDS como a “nova arma”, que se apresenta na forma do sangue contaminado. A informação se Wellington era, de fato, portador do vírus da HIV não é revelada, reforçando o tom alarmista do texto. Em sua materialidade discursiva, trata-se de uma sequência narrativa, pois conta algo, apresenta os fatos e as ações dos personagens dentro de uma lógica de espaço temporal, o que nos permite colocar em xeque o papel informativo da mídia.

É importante registrar que, em dezembro de 1988, o número de pessoas notificadas com AIDS, segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, chegava a 4.324, metade daqueles que desenvolviam a doença iam a óbito, sendo 1.800 homens e 256 mulheres. Ou seja, há todo um conjunto de dados que poderiam ser matéria de capa do jornal, no entanto, sob nosso ponto de vista, o jornal, ao optar por essa notícia, não só deixa de cumprir seu papel informativo como também provoca pânico e desinformação.

1989: Silêncio



Intitulamos este tópico de Silêncio porque, apesar dos 5.982 casos notificados e, desse total, 3.274 irem a óbito, sendo 2.840 homens e 434 mulheres, a Folha de São Paulo não fez qualquer menção ao tema HIV/AIDS em sua capa nesse ano. Já dentro do jornal, oito matérias e um artigo contemplam o assunto, mas não com o mesmo destaque que teriam se tivessem chamada na capa. Os dados utilizados em nossa pesquisa são procedentes do Boletim Epidemiológico 2015⁷ que, por se tratar de uma série histórica, traz dados que contemplam todo o período de nossa pesquisa.

Tratamos então por silêncio, não somente pela ausência de informação, mas o silêncio como significado em si mesmo. Conforme Orlandi, “a linguagem é passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras” (ORLANDI, 2007, p.70). Assim, o silêncio pode ser ausência de palavras ou perpassar as palavras. De qualquer forma, é possível que *o silêncio seja ouvido*. Para Orlandi (2007, p.68), “o silêncio não é vazio, ou sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do 'vazio' da linguagem como um horizonte e não como uma falta”. Assim sendo, para nós o silêncio fala, quer dizer alguma coisa. O silêncio é a própria condição de produção de sentido, isto é, ele aparece como o lugar/espço que permite à linguagem significar. O silêncio produz sentido, isto é, ele significa. As formas do silêncio trabalham com os limites das formações discursivas, determinando, assim, os parâmetros do que se pode dizer, visto que é preciso não dizer para poder dizer. A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “poder-dizer”. Pensando essa contextualização em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso. (Orlandi, 2007, p.73).

Há três formas de silêncio definidas por Orlandi: o *silêncio fundador*, ou fundante, tido como o princípio de toda significação; o *silêncio constitutivo*, que diz respeito à ordem da produção de sentido e da linguagem e o *silêncio local*, referindo-se à interdição do dizer, por exemplo, a censura e a repressão. Porém, neste trabalho trataremos apenas o silenciamento como uma política de sentido, que produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz, a partir da concepção de silêncio local, a censura.

A censura é a forma do silêncio do interdito – do que é proibido, do que se pode ou não dizer. Ela (a censura) deve ser considerada em sua materialidade linguística e histórica, isto é, discursivamente.

A censura não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação. [...] A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala. (Orlandi, 2007, p.76-77)

Nesse ano de silêncio, a FSP entendeu que era mais importante dar destaque em sua primeira página a temas como o “Governo fixa de improviso a poupança”; “PRN e PT debatem economia na Folha”; “Passagem aérea aumenta 15,28%”; “Flexa diz que o caso Itamaraty só é ‘gerencial’” e “Sarney passa por uma crise de hipertensão”. As

⁷<http://www.aids.gov.br/publicacao/2015/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2015>, download feito em 1 de dezembro de 2015.



notícias sobre política e economia internas superaram qualquer interesse pelos dados da AIDS.

1990: Pesquisa sobre AIDS vive impasse no Dia Mundial

A capa do dia 1 de dezembro de 1990 traz uma chamada em manchete alta – ou comumente chamada nas redações de mancheton (o lugar de maior destaque dentro da primeira página) –, ocupando o espaço de 15,2 X 12 cm. Apesar de tanto destaque, não há foto, ilustração e infográfico.

SD2

Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo. As pesquisas realizadas sobre a doença vivem um impasse. Agora elas dão prioridade à procura de uma vacina e não mais de remédios que possam acabar com o vírus que já está no corpo da pessoa. A Folha publica hoje, Dia Mundial do Combate à Aids, um caderno especial de seis páginas sobre o problema, no Brasil e nos demais países. Ele inclui informações que ajudam a evitar a Aids e também a “paranoia” em torno do vírus.

A manchete aliada ao *lead* revela ser a matéria temática, quando traz a AIDS como ponto de partida. O uso da palavra “impasse” é opaco, já que não se explicita qual seria o motivo do impasse e discrepante com o trecho “Os cientistas já sabem tudo sobre o HIV, vírus causador da Aids, menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo”. Do ponto de vista argumentativo, há uma incoerência entre “já sabem tudo” e “menos o mais importante: como fazer para eliminá-lo”, mas o jornal promete, num caderno de seis páginas, informações elucidativas sobre a AIDS e a “paranoia” em torno do vírus.

“A Folha publica hoje, Dia Mundial do Combate à Aids, um caderno especial de seis páginas sobre o problema, no Brasil e nos demais países. Ele inclui informações que ajudam a evitar a AIDS e também a ‘paranóia’ em torno do vírus. O veículo informa a produção de um caderno especial, mas o desqualifica quando se refere à AIDS como problema e, mais ainda, quando se refere à paranoia. Se a epidemia é importante o suficiente a ponto de se produzir um suplemento com tudo que se refere a ela, sejam dados epidemiológicos, perfil dos contaminados e dos doentes, formas de contágios, sua presença geográfica, concluímos que esses fatos não podem ser chamados de paranoia. Em termos discursivos, o teor argumentativo presente no *lead* e na função conativa resultante do grande destaque de capa esvaziam em importância a própria oferta de um caderno informativo de seis páginas.

Por outro lado, quando nos remetemos a trechos da matéria, são oferecidos dados que apontam para um aumento significativo nas notificações e nos óbitos; o óbito de mulheres quase dobra. Informa-se também sobre as mudanças em relação ao contágio, que deixou de ocorrer por meio das relações sexuais homossexuais e passou a se dever às drogas injetáveis. Os dados ainda apontam para um crescimento no número de óbitos de mulheres, um total de 750, um aumento de quase 50% quando em comparação ao ano anterior. Dos 8.653 casos notificados, das 5.383 pessoas que morreram, 4632 eram homens.



A matéria cita ainda campanhas publicitárias americanas que incentivam a masturbação em substituição às relações sexuais “consideradas cada vez mais arriscadas”. Ou seja, não nos parece que os dados apresentados na matéria informem que “já se sabe tudo sobre a AIDS; houve, sim, uma mudança no perfil dos infectados ou, simplesmente, a comunidade médica não pode mais omitir os dados de outra população vulnerável, no caso os usuários de drogas injetáveis. Importante é que essa é uma manchete alta, ou seja, de grande destaque dentro da primeira página, mas seu título não encontra ressonância na matéria como um todo.

1991: Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids

Já a capa do dia 1 de dezembro de 1991 traz o título “Cresce o número de médicos que usam a homeopatia no tratamento da Aids. Leia pág. 4-4” para a chamada do Caderno Cotidiano. Ocupando um espaço pequeno 1,5 X 4 cm, ao centro, dentro de um box de 10 colunas X 10 cm, no rodapé da página. A nota vem sozinha, sem fotografia, ilustração ou infográficos, disputando o interesse do leitor por outros assuntos, como mundo, dinheiro, esporte, o que a faz estar flutuando dentro da página. E o fato de estar no Caderno Cotidiano nos remete à ideia de que o assunto não merece destaque, é corriqueiro, parte do dia a dia, quando não é. É a primeira notícia de tratamentos alternativos e uma das únicas em todos esses anos.

Apesar do pouco destaque para a epidemia, em 1991 havia 11.464 casos notificados, 7.367 óbitos, sendo 6.135 de homens e 1.229 de mulheres. Outras notícias marcam o ano, como os 10 anos da identificação da AIDS e a notificação feita pela ONU de que havia 10 milhões de pessoas infectadas pelo mundo. Foi também esse o ano em que Magic Johnson anunciou ter sido infectado pelo HIV. No Brasil, iniciou-se o processo para aquisição e distribuição gratuitas de antirretrovirais (medicamentos que dificultam a multiplicação do HIV) e foi lançado o Videx (ddl), que, como o AZT, faz parte de um grupo de drogas chamadas inibidores de transcriptase reversa.

1992: Livro revela o custo da AIDS para o mundo

Ocupando 4,5 X 6 cm, localizada no meio da página à esquerda, a chamada de 1992 foi “Livro revela o custo da AIDS para o mundo”. O espaço ocupado pela chamada não é grande e não tem lugar de destaque, mas apresenta uma informação que ainda não havia aparecido: o impacto econômico da epidemia e, por que não dizer, o valor para o enfrentamento. A análise que se segue recorta o *lead* em SDs.

SD3

O custo direto do tratamento de aids em todo o mundo é estimado de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3,6 bilhões para 1992. Este dado consta no livro “O custo oculto da Aids”, lançado ontem.

SD4

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, 13 milhões de pessoas têm o vírus da AIDS e 500 mil adultos já desenvolveram a doença



As sequências discursivas SD3 e SD4 conceituam e transmitem informações de modo objetivo. Revelam ao leitor que, para além de tudo que já se sabe, um novo dado faz parte do cenário da AIDS: a questão econômica.

SD5

“Eventos marcam hoje o Dia da Luta Contra Aids”

Ao final do texto, há um pequeno enunciado em total dissenso com o conteúdo da notícia. Do ponto de vista discursivo, a nota traz à tona dados significativos sobre a AIDS. O dissenso se institui de forma discrepante, quando chama atenção para eventos comemorativos do Dia Mundial da Luta Contra AIDS.

A matéria apresenta um novo tema ao leitor, os custos da epidemia e o impacto da AIDS sobre a economia mundial. Isso deixa claro, mesmo implicitamente, que, para manter as pessoas vivas e continuar as pesquisas, é preciso dinheiro; logo os países pobres não conseguirão vencer a pandemia. Observamos que tanto o autor, que busca na epidemia uma forma de “vender seu peixe”, quanto do jornal que disfarça a chamada comercial falando do número de contaminados. Enquanto isso, o número de casos notificados continua crescendo. Em 1992 eram 14.229 casos notificados, um total de 9.020 óbitos, sendo 7.449 masculinos e 1.564 femininos.

91

1993: Folha teen especial distribui preservativo

Com o título “Folha Teen especial distribui preservativo”, indiretamente a AIDS volta a ser manchete alta, ganhando foto e a seguinte legenda: “Alunos do curso Objetivo (SP) brincam com camisinhas”. O espaço ocupado pela chamada é bastante expressivo, com cinco colunas (6 X 25,5 cm), e o *lead* é: “No Dia Mundial de Luta Contra Aids, edição especial do **Folha Teen** distribui hoje camisinha para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A **Ilustrada** traz a programação de eventos culturais em que artistas informam a população sobre a moléstia. **São Paulo** relata que, depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção. Serão dois filmes de televisão de 30 segundos”.

SD6

No Dia Mundial de Luta Contra Aids, edição especial do **Folha Teen** distribui hoje camisinha para os leitores. O uso de preservativos é a maneira mais simples de evitar a doença. A **Ilustrada** traz a programação de eventos culturais em que artistas informam a população sobre a moléstia. (grifo FSP)

Na SD6, parece haver um contrassenso no campo semântico: enquanto “eventos culturais” remetem à festa, à movimentação para a propagação das informações, o texto ganha um tom lúgubre quando do uso da palavra “moléstia”. O que pode estar em jogo nessa oposição semântica instaurada entre essas duas expressões? Vários podem ser os sentidos que daí resultam: otimismo para enfrentar a doença; uma forma lúdica de conscientizar a população adolescente; um forte alerta para chamar a atenção de um mal que assola o mundo. A criação de uma edição especial voltada ao público adolescente parece revelar que o jornal está engajado na luta contra a AIDS. Associar a distribuição



de camisinhas é uma jogada de marketing bastante interessante. A chamada da distribuição de camisinhas abre espaço para a manchete falar sobre os eventos culturais que trabalham o tema, mas o uso da palavra “moléstia” coloca em xeque a forma como se apresenta o assunto.

SD7

São Paulo relata que, depois de quase um ano de silêncio, o Ministério da Saúde lança hoje uma campanha de prevenção. Serão dois filmes de televisão de 30 segundos.

A SD denuncia que houve silêncio por parte do Ministério da Saúde. Esse silêncio é atribuído por quem? Pelo jornalista que faz a matéria, pelo próprio Ministério ou por um representante de algum movimento social em defesa dos doentes da AIDS? Quem é a voz por traz deste texto? Neste momento, os casos notificados eram 16.392, sendo um total de óbitos de 11.469, 9.239 masculinos e 2.220 femininos. Se houve, de fato, silêncio, ele impactou sobre os dados, pois em dois anos há um crescimento importante tanto no número de casos quanto de óbitos.

1994: Silêncio

Depois de um período publicando quase que ininterruptamente, a Folha de São Paulo silenciou em 1994. Em 1989, ano em que silenciou pela primeira vez, havia, segundo o Boletim Epidemiológico, 5.982 casos notificados, dos quais 3.274 iam a óbito, sendo 2.840 homens e 434 mulheres. Já cinco anos depois, em 1994, apesar de os dados terem triplicado, com 18.009 casos, 13.391 óbitos, entre eles 10.582 homens e 2.790 mulheres, o jornal optou por silenciar. Em vez de informações acerca da epidemia, a FSP destacou, entre as notícias quentes, as seguintes manchetes: “Malan será ministro da Fazenda” e “Exército prepara saída rápida do Rio”. A política interna volta a ganhar espaço, e os dados da AIDS não figuram entre os destaques.

92

1995: 12 milhões no país devem ter doença sexual

Com o título “12 milhões no país devem ter doença sexual” servindo de chamada para a matéria localizada na pág.3-3. A chamada que ocupa o espaço de um módulo (4 X 5 cm), ela está localizada à esquerda da página, embaixo da chamada para a notícia da libertação do filho do Presidente da FIRJAN, Eduardo Gouveia Vieira, e de um empresário de Duque de Caxias: “Polícia do Rio liberta estudante e empresário”. A foto que ilustra a notícia traz o jovem e a mãe acenando à imprensa e aos curiosos. O sequestro levou 36 dias para ser resolvido. A chamada, além de ocupar um espaço inexpressivo em termos de destaque, é apagada pela notícia do rapto do rapaz.

Lead

“O Brasil deve registrar cerca de 12 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis em 95, estima a Organização Mundial de Saúde. Essas doenças aumentam as chances de contaminação pelo HIV. Hoje é o dia mundial de combate à Aids”.



SD 8

“12 milhões no país devem ter doença sexual”

Esta sequência discursiva assinala com pretensa objetividade o número de pessoas que podem morrer por conta de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). No entanto, a matéria se refere a todo tipo de DSTs, e não à AIDS especificamente. A matéria, já em seu título, é alarmista, informa que 12 milhões de pessoas devem ter DSTs. Depois chama a atenção para o aumento do número de infectados pelas DSTs, o que poderia acarretar um aumento de contaminação pelo HIV. O título não está se referindo à AIDS, mas às outras DSTs. A notícia publicada no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS imediatamente cria relação direta com o tema.

SD9

“Essas doenças aumentam as chances de contaminação pelo HIV”

Quando se lança mão dessa frase em meio a uma matéria que chama para 12 milhões de contaminados, omite-se que o HIV também pode ser transmitido sexualmente, essa não é a única forma de transmissão, mas também através de transfusão de sangue e uso compartilhado de seringas.

SD10

Hoje é o dia mundial de combate à Aids”.

Colocada em meio ao *lead* e ao *sublead*, a frase SD11 ganha um novo sentido ou perde-se o sentido. Fala-se de doenças sexualmente transmissíveis e refere-se ao Dia Mundial da Luta Contra Aids. O que o autor deixa subentendido?

É importante considerar que 1995 foi o ano em que houve mais mortes por AIDS no Brasil. Os casos notificados foram 20.754, contando com 15.156 óbitos, sendo 11.599 masculinos e 3.535 femininos. Trata-se de 5 mil mortes a mais do que no ano anterior. Em nosso entendimento, a chamada funcionou como uma cortina de fumaça em relação aos dados que só vinham crescendo ano a ano.

Dados do Ministério da Saúde atestam que até 1995 a assistência medicamentosa era precária, contando somente com AZT (zidovudina), Videx e dideoxicitidina. Uma nova classe de drogas contra o HIV, os inibidores de protease (dificultam a multiplicação do HIV no organismo), é aprovada nos EUA. Zerti e Epivir, outros inibidores de transcriptase reversa, são lançados, aumentando as escolhas de tratamento. Estudos revelam que a combinação de drogas reduz a progressão da infecção, mas o custo do tratamento é de US\$ 10 mil a US\$ 15 mil por ano. Pesquisa demonstra que o tratamento precoce das DST, com conseqüente redução no tempo de evolução das doenças e de suas complicações, faz com que o risco de transmissão e aquisição do HIV diminua. Com isso, a incidência do HIV reduz em 42%.

1996: Coquetel e Prevenção, acerca da AIDS

No ano de 1996, a chamada de capa da Folha de São Paulo a respeito da AIDS ficou localizada à esquerda, no fim da página, acima da meteorologia. É uma chamada



para o Editorial, ou seja, para Opinião da Folha, e, em meio ao texto, vem a chamada “Coquetel e Prevenção, acerca da Aids”.

Pequena e muito discreta, a chamada, já que o texto contempla apenas duas linhas, é inexpressiva e sem visibilidade, ainda por se tratar do Editorial, ou seja, a opinião do jornal sobre o tema.

SD 11

“Coquetel e Prevenção, acerca da Aids”

Esta sequência discursiva, em nosso entendimento, é instrutiva ao passo que precisa informar do que se trata o Editorial “acerca da Aids”. O autor do título não estava certo de que Coquetel e Prevenção seriam associados ao tratamento da Aids.

O Programa Nacional de DST e AIDS lança o primeiro consenso em terapia antirretroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV). O ano de 1996 é marcado pela lei que fixa o direito ao recebimento de medicação gratuita para tratamento da AIDS. Assim, o AZT venoso é disponibilizado pela rede pública.

Em relação aos casos notificados foram 23.658, sendo um total de óbitos de 15.017, 11.176 masculinos e 3828 femininos. Há uma discreta queda do número de óbitos do ano anterior que registrou o maior número de mortes. Porém, há alguns fatores que marcam a diferença. Há queda das taxas de mortalidade por AIDS, diferenciada por regiões. Percebe-se que a infecção aumenta entre as mulheres, dirige-se para os municípios do interior dos estados brasileiros e aumenta significativamente na população de baixa escolaridade e baixa renda. Entre outras palavras, a doença marca uma mudança importante, pois avança sobre o interior, as mulheres e os mais pobres.

94

1997-1998: Silêncio

Depois de ter publicado por dois anos seguidos, 1995⁸ e 1996, em 1997, o jornal silenciou novamente. Da última vez em que a Folha não publicou nada em sua capa, em 1994, os dados haviam triplicado desde o último silêncio, em 1989. Em três anos, segundo o Boletim Epidemiológico, o número de casos continuaram crescendo significativamente. Dos 25.941 casos notificados, o total de óbitos foi de 12.078, sendo 8.749 homens e 3.321 mulheres, de onde se pode observar que o número de casos notificados se mantém aumentando, mas o de óbitos cai sensivelmente.

No segundo ano consecutivo de silenciamento, 1998, o número de casos notificados, um total de 28.836, cresceu praticamente 30%, mas continuou a se observar uma queda no número total de óbitos, 10.770. Essa queda deveria ser manchete? A Folha permaneceu em silêncio. O jornal fez um silêncio de dois anos, não publicou nada em 1997 e 1998, embora os remédios que já se apresentavam em 15 tipos diferentes estivessem sendo disponibilizados gratuitamente, o que provocou a queda do número de mortes por AIDS e garantiu significativa melhora da qualidade de vida dos portadores do HIV. Economia, política e esportes foram os temas que ilustraram a capa de 1 de dezembro de 1997: “Com o aumento de 46,7% a partir de 98, governo procura manter a meta de atingir um adicional de R\$20 bi no caixa. IR sobre renda fixa sobre para 22%”;

⁸ Ano em que a Aids registrou maior número de óbitos, um total de 15.156 pessoas. Fonte: Boletim Epidemiológico 2015



“Palmeiras e Vasco ficam perto da final”, com uma foto cuja legenda é “Rogério corre para festejar seu gol, o primeiro da vitória do Palmeiras sobre o Atlético-MG (3 a 1); “Indicação de juiz do trabalho tem fraude” e “Governo justifica pagamento a doadores”.

Também foi neste ano que surgiram pacientes que desenvolveram efeitos colaterais aos remédios. Marilyn, um chimpanzé fêmea, ajuda a confirmar que o SIV (*simian immunodeficiency virus* ou vírus da imunodeficiência dos símios) foi transmitido para seres humanos e sofreu mutações, transformando-se no HIV. Testes genéticos mostram que o HIV é bastante similar ao SIV, que infecta os chimpanzés, mas não os deixa doentes.

1999: Erro médico mata mais que AIDS nos EUA

O título da chamada “Erro médico mata mais que AIDS nos EUA” é discreto, apresentado em apenas um selo (uma coluna), no rodapé da página, à direita, no tamanho de 4 cm X 8 cm.

Le
ad

Erros médicos matam entre 44 mil e 98 mil pessoas nos EUA todo ano, mais do que acidentes de carro, Aids ou câncer no seio. A estimativa consta de pesquisa nacional inédita feita e divulgada pelo Instituto de Medicina, uma associação independente ligada à Academia Nacional de Ciências norte-americana. Leia “Luta contra a Aids”, sobre avanços terapêuticos.

95

SD 12

“Erro médico mata mais que AIDS nos EUA”.

Há um deslocamento de enfoque. O que é notícia? A Aids ou o erro médico? A Aids veio sendo associada à morte desde 1982 e, de repente, erros médicos matam mais nos EUA? O Brasil havia registrado uma queda do número de mortes em 1996, de 15.017 caiu para 10.521 (1999), sendo 7.485 homens e 3.027 mulheres. Mesmo se tratando de 4.446 mortes a menos, são minimizadas as informações da AIDS. Por que dar uma notícia em primeira página de uma realidade nos EUA enquanto no Brasil o mesmo não se repete? As informações sobre a AIDS são minimizadas, deixando no ar uma conclusão equivocada de que a AIDS não mata mais. A AIDS é usada como gancho para “vender” a matéria e, além disso, apresentada em caixa-alta no título, por si só, chama atenção para a manchete.

2000: Editoriais

SD 13

“Leia ‘Luta contra a Aids’, sobre avanços terapêuticos”.

Sob o título **Editoriais** (grifo FSP), num módulo (3,4 X 4 cm) ao final da página à esquerda, acima do código de barras, a chamada indica a leitura, mais uma vez, da opinião do jornal acerca da epidemia. Entretanto, nem mesmo o jornal entende que



colocar à disposição sua reflexão sobre a epidemia é importante, visto o pouco espaço disponibilizado e a colocação dentro da página. Parece que, por ser a AIDS uma epidemia que já não vitima um grande número de pessoas e por suas vítimas não mais serem gays, drogados e prostituídos, e sim mulheres, mães, pobres e moradores do interior do país, bastam uma chamada e um texto na segunda página para marcar presença no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS. O *bug* do milênio, os avanços terapêuticos, o crescimento das Igrejas neopetencostais não teriam impacto sobre o assunto? Para que falar que mulheres heterossexuais, casadas e monogâmicas estão morrendo de Aids? A pouca exposição da chamada é uma forma de silêncio local, de censura, pois foi feita uma escolha por parte dos jornalistas ou de seus editores, fala-se do assunto, mas a maneira de apresentá-lo expressa o silenciamento.

Em 2000, são 31.154 casos notificados, um total de óbitos de 10.730, sendo 7.540 homens e 3.187 mulheres. A matéria é temática porque toca no assunto da Aids, embora seja em apenas uma linha. O texto remete ao otimismo e deixa no ar avanços na luta contra a epidemia. Entretanto, cabe indicar que houve, sim, uma queda no número de mortes de homens, enquanto há um aumento importante no que se refere às mulheres. O Ministério da Saúde indica que há uma incidência maior entre as mulheres e uma proporção de uma mulher para cada dois homens no caso das notificações. Isso sem contar com a importância de eventos como o I Fórum em HIV/AIDS e DST da América Latina, no Rio de Janeiro, ou mesmo da 13ª Conferência Internacional sobre AIDS, em Durban, na África do Sul, que denuncia ao mundo a mortandade na África. Dezesete milhões morreram de AIDS no continente, sendo 3,7 milhões crianças. Foram contaminados 8,8% dos adultos. O presidente da África do Sul, Thabo Mbeki, escandaliza o mundo ao sugerir que o HIV não causa a AIDS. Foi a partir desse encontro, promovido pelas Nações Unidas, que cinco grandes companhias farmacêuticas concordaram em diminuir o preço dos remédios usados no tratamento da AIDS para os países em desenvolvimento.

96

2001: Colcha de retalhos

Em especial, o ano de 2001 apresentou sua terceira manchete alta num período de 15 anos, sem título, usando a foto como a grande chamada. A foto ocupava três colunas (13 X 13 cm) com a seguinte legenda: “SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhagabaú (SP) em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil; hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país”.

SD 15 – fotografia



SOLIDARIEDADE Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP) em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela Aids no Brasil; hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país Pág. C1

A foto mostra diferentes pessoas, umas ajoelhadas, outras em pé, montando um tapete na rua para lembrar os mortos pela Aids. A imagem remete a uma ideia de trabalho conjunto. Trata-se de uma sequência discursiva não verbal, uma vez que a imagem propõe uma ideia de solidariedade, que é reforçada pela legenda.

SD 16

“SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP)”

Como argumento para esta sequência discursiva(SD16), o autor relaciona solidariedade à colcha de retalhos, trabalhando a ideia de fazer junto.

SD 17

“em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil”

A SD17 comunica ao leitor a ideia de que a união faz a força e, neste caso, reúne pessoas em torno de uma imensa colcha de retalhos para lembrar aqueles que não podem estar nesta comemoração. Juntar retalhos também pode significar população despedaçada pela Aids.

SD 18

“hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país”

O veículo propõe novamente a existência de duas forças quando a foto mostra imensa colcha de retalhos para lembrar os 150 mil mortos pela Aids no país e na legenda menciona a taxa de incidência, que está caindo.



É uma chamada temática porque tem a Aids como carro-chefe, mas vai buscar, numa foto colorida e em uma colcha de retalhos que mostra pessoas trabalhando em conjunto, o sentido de solidariedade. Deixando para o final a informação de que os índices estão caindo, entretanto, são registrados 32.029 casos para um total de óbitos de 10.948 entre 7.517 homens para 3.428 mulheres. Fala-se de solidariedade aos mortos, da queda do número de infectados, mas na chamada não há nada que remeta à ideia de que, pela primeira vez, 1/3 dos casos notificados é de mulheres.

2002-2007: Silêncio

No ano de 2002, a FSP inicia um novo período de silenciamento, desta vez são seis anos consecutivos. O perfil da epidemia já vinha mudando, e o Brasil chegou a 2002 com 258 mil casos registrados desde 1980. De casos notificados, só nesse ano, foram 39.689, num total de 11.055 óbitos, um crescimento de 9% em relação ao ano anterior. Além disso, os óbitos de mulheres chegam a quase 48% em relação às mortes de homens. Nos anos seguintes, é observada uma queda importante nos casos notificados, porém, há uma oscilação no número de pacientes que morreram. De maneira geral, entre os anos de 2002 a 2005, os números apresentam queda tanto para homens quanto para mulheres, mas voltam a subir em 2006. Entre os homens, os números apresentam queda a cada ano, mas entre as mulheres não há uniformidade, os números observados mostram oscilações: 3.610 (2003); 3.562 (2004); 3.736 (2005); 3.704 (2006) e 3.785 (2007).

Embora os dados apontassem para informações relevantes, pois há uma queda e de novo um crescimento, o que existe é um total apagamento da AIDS nesse período e um evidenciamento das notícias da economia e da política brasileira. Para Orlandi, “Todo discurso atesta sua relação com outros”, ora excluindo, ora incluindo, tendo em vista o seu *apagamento*” (ORLANDI, 1990, pp. 41/42). Podemos afirmar, então, que as notícias de economia e política cumpriram um papel de mediação, de negociação e, ao medir “forças”, provocaram um processo de *apagamento da AIDS*” (ORLANDI, 2006, pp.22).

Entre as notícias dadas pela FSP nesse período está, em 2002, “Segundo a FIPE, taxas de serviço do setor acumulam uma alta de 16,87% até outubro contra 6,06% do IPC. Tarifa bancária sobe além da inflação”. A foto imensa mostra uma fila formada por mulheres que observam homens passarem com pacotes sobre os ombros. A legenda dizia: “Outros tempos, outra carga: garimpeiros carregam cestas básicas distribuídas pelo governo em Serra Pelada (PA)”. No ano seguinte, a “alta” comemorava – “Cruzeiro vence brasileiro por antecipação” –, com uma foto em grande destaque mostrando a recepção aos jogadores. Ao lado, com menos espaço e menor destaque, “EUA decide libertar 140 da sua base em Guantánamo”. Em 2004, “Expansão do PIB é a maior desde 1995; destaques foram os investimentos e a indústria. País acumula no ano crescimento de 5,3%”, tendo ao lado um infográfico mostrando o que cresceu, o que estagnou e o que caiu. Os dados pertencem a uma pesquisa do IBGE. Ainda no conjunto das manchetes, estão “Governo rebate acusação de incompetência feita por FHC” e “Brasil não teve recessão em 2003”. Em 2005, a grande notícia era “Câmara cassa José Dirceu”, e uma foto de Dirceu, que se julgava vítima de “linchamento”, de dedo em riste ilustrava a página do maior jornal do país. Por 293 a 192 votos, o homem forte do governo Lula perdeu o mandato por conta do mensalão. “Câmbio faz país crescer só 0,5%” foi a grande notícia de 2006, mas no alto da página estavam as fotos de José Dirceu, Marina Silva e Hugo Chaves, além de frases emblemáticas que serviam como chamada para entrevistas



com eles no interior do jornal. O último ano desse período de silêncio contou com uma foto da manifestação em Caracas a favor das propostas do presidente Chaves, um imenso mar de pessoas de roupas vermelhas, cuja legenda foi: “MARÉ VERMELHA: Ato em Caracas a favor das reformas de Hugo Chaves, que serão amanhã submetidas a referendo; presidente ameaçou a oposição e EUA mandou militares ocuparem o campo de petróleo”. Com menor destaque, o jornal informou que “Tiroteio fere sete e causa pânico na estação da Sé” e “Acordos elevam a participação da Petrobras em petroquímica”.

2008 Meninas contam por que namoram caras mais velhos

A última capa da Folha de São Paulo no período que compreende a nossa pesquisa é dentro do suplemento Folha Teen. A área total de 7 X 8,5 cm foi ocupada da seguinte forma: a chamada Folha Teen está dentro de uma foto de um casal, e o homem é aparentemente mais velho que a mulher. Ainda dentro desse espaço, há o texto “Meninas contam por que namoram caras mais velhos”. Chamamos atenção para o detalhe de que a fonte usada para escrever **caras mais velhos** é visivelmente maior do que o restante.

SD 19

“Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais”.

Sob o título Jairo Bauer, dentro de um box chapado em verde, com um espaço de 2,5 X 7cm, “Dados da AIDS mostram que garotas se contaminam mais”. Quando se olha para o conjunto, o que fica implícito é que mulheres só pegam AIDS de homens mais velhos. Se a matéria quer discutir no interior do jornal o fato de as meninas estarem se contaminando mais, na manchete fica claro apenas que homens mais velhos podem transmitir a doença. Não se discutem outros tipos de contágio.

Quando confrontamos essa assertiva com os dados do Boletim Epidemiológico de 2008, observamos que, já na apresentação, diz: “Esta publicação traz, em seu bloco temático, casos de AIDS em indivíduos de 50 anos ou mais de idade”. No decorrer do texto, fala da diminuição dos casos entre homens com mais de 50 anos e do aumento entre mulheres: “Entre homens, de 2000 para 2006 o coeficiente aumentou de 7,2 para 10,3/100.000 hab., e nas mulheres passou de 2,5 para 4,3/100.000 hab. Em 2006, houve 21 óbitos por AIDS em homens para cada 10 mulheres”. A única menção às mulheres no tocante a casos de notificação de AIDS pela idade está na página 37, na Tabela XI - Casos de AIDS notificados no SINAN (número e percentual), segundo escolaridade por sexo e ano de diagnóstico. Brasil, 1980-2008⁹. A tabela apresenta dados que compreendem o período de 18 anos e, nesse período, dos 32,2% de mulheres contaminadas, 7,2% tem (de 0 a 3 anos; 9,4%, de 4 a 7 anos; 5,5%, de 8 a 11 anos, e 1,5%, 12 anos ou mais. Diante dos dados, podemos afirmar que a chamada não representa a verdade. No mesmo período, os dados mostram que houve queda no número de casos cuja a orientação sexual do indivíduo é homossexual e um crescimento entre os heterossexuais, mas não há, no Boletim de 2008, nada que indique que mulheres jovens têm se contaminado mais do que as mais velhas. Foram notificados, em 2008, 39.855 casos de Aids, dos quais 11.839 resultaram em morte, sendo 7.797 homens e 4.042 mulheres.

⁹ FONTE: MS/SVS/PN-DST/AIDS NOTAS: (1) Casos até 30/06/2008. Dados preliminares para os últimos 5 anos. (2) 13 casos ignorados com relação ao sexo.



2009-2013: Silêncio

Desde o início da epidemia até 2009, foram notificados 544.846 casos de AIDS no país. O que observamos é um silêncio de seis anos iniciado em 2009, ano em que os casos notificados chegaram a 39.855 e, em 2013, 41.814, o que representa um aumento de menos de 2 mil pessoas em seis anos. Em relação aos óbitos, houve um aumento de 11.839 para 12.564, menos de 1%. Embora o cenário pareça de alguma forma estável, houve oscilações durante todo o período. Constatou-se uma pequena queda de 2009 para 2010 nas notificações, 629 casos, e nos óbitos de homens, 183, porém, há um aumento nos óbitos de mulheres, um total de 127. Curiosamente, o número de mortos em 2010 e 2011 é o mesmo, 12.151 pessoas foram vítimas da AIDS. Em 2011, em relação ao ano anterior, há um crescimento de 0,9% nos casos notificados, uma queda nos óbitos masculinos e um crescimento entre as mulheres exatamente iguais. Nesse mesmo ano, 20 homens a menos morreram, enquanto morreram 20 mulheres a mais. Curioso também é o comportamento da epidemia nos anos seguintes. O ano de 2012 apresenta uma queda de 295 nos casos notificados e, em relação aos óbitos, mantém-se o mesmo perfil do ano anterior. Porém, em 2013, há um crescimento nos casos notificados e nos óbitos de homens e mulheres, 41.814, 8.302 e 4.257, respectivamente. Ainda assim, esses dados que mostram a oscilação não chamou a atenção dos jornalistas, sequer de quem envia “sugestão de pauta”.

100

Nesses anos de silêncio, muitas foram as conquistas, tais como a conclusão do processo de nacionalização de um teste que permite detectar a presença do HIV em apenas 15 minutos. A Fiocruz passou a fabricar o teste, ao custo de US\$ 2,60 cada enquanto o Governo gastava US\$ 5 por teste (2008); o Programa Nacional de DST e Aids torna-se departamento da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde e o Programa Nacional para a Prevenção e Controle das Hepatites Virais é integrado a ele (2009); os Governos do Brasil e da África do Sul firmam parceria inédita para distribuir 30 mil camisinhas e folhetos sobre prevenção da AIDS e outras DST durante a Copa do Mundo de Futebol (2010); as Casas de Apoio de atendimento a adultos com HIV/AIDS passaram a contar com incentivo financeiro do governo federal destinado ao custeio das ações desenvolvidas com crianças e adolescentes (2011); o Ministério da Saúde inclui a possibilidade de antecipação do início do tratamento entre parceiros sexuais fixos sorodiscordantes (2012) e em 2013, Anúncio do "3 em 1", unindo as drogas Lamivudina, Tenofovir e Efavirenz em um único comprimido e Teste rápido através do fluido oral é anunciado para venda em farmácia. No entanto, durante seis anos, houve um silenciamento na capa de um dos maiores jornais do país no Dia Mundial da Luta contra AIDS. Não podemos afirmar os motivos nem culpar a imprensa pelo não destaque dos dados apresentados, até porque há, no circuito midiático, outros interesses ou (des)interesses, sejam por parte das ONGs, dos movimentos sociais, da comunidade médica, dos doentes da AIDS e do governo. Apenas podemos apresentar nossos dados de pesquisa que mostram que, de 2009 a 2013, não houve uma linha sequer acerca da epidemia nas primeiras páginas da Folha de São Paulo.

Apesar dessa gama de fatos significativos com relação ao enfrentamento da AIDS, a grande manchete de 2009 foi: “Ex-secretário liga Tucano a mensalão. Presidente do PSDB no DF nega participação no esquema; governador Arruda diz que sua gestão é vítima”. Em grande destaque, uma foto, imagens de um vídeo, que mostrava o dono do



jornal Tribuna do Brasil guardando dinheiro na cueca de suposta propina. Um artigo de Janio de Freitas, intitulado “Caso faz rombo na tática do PSBD para as eleições”, dava continuidade ao assunto. Em 2010, “Polícia investiga desvio de drogas e facilitação de fugas”, a foto mostrava “artefatos explosivos” apreendidos no Rio e que tinham a marca do Comando Vermelho. Ao lado, num box preto, havia a notícia de que “EUA criticam submarino e estratégia de brasileiros”, sobre o vazamento de um telegrama pela ONG WikiLeaks¹⁰ em que o governo americano chama o submarino de guerra de “elefante branco”. “Lupi acumulou cargos ilegalmente. Ministro recebia salários do Congresso e da Prefeitura do Rio, o que é proibido; se for ilegal devolverá o dinheiro” foi a grande chamada de 2011. Uma foto mostrava uma passeata com a seguinte legenda: “ANTIMORDIDA Químicos, bancários e metalúrgicos do ABC paulista param a marginal da via Anchieta contra a cobrança de IR sobre a participação no lucro das empresas; estudo aponta que arrecadação como imposto atinge R\$ 1,8 bilhão mercado” ilustrou este 1 de dezembro. Em 2012, são infográficos que chamam atenção para as notícias do dia. Uma série de três imagens mostrava o momento econômico do país em relação ao mundo. “PIB decepciona, e Dilma deve ter ‘biênio perdido’” anunciava que o Brasil veria crescer apenas 1% naquele ano. Em 2013, estampavam a capa chamadas para os cadernos especiais Ilustríssima, TV Folha e Cotidiano que trouxe uma página inteira sobre “Transexualismo deve sair da lista de doenças mentais”. Do cenário político, a notícia foi “Dilma amplia vantagens sobre rivais, diz Data Folha”.

101

Considerações finais

Após a análise, podemos concluir que, no decorrer de 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, a imprensa deu atenção à epidemia. Ao todo, foram 283 matérias, sendo 89 matérias no jornal O Globo, e 194 na FSP, incluindo as capas. Foram editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativos às “comemorações” à data – ou não –, mas que tinham alguma relação com o tema. A FSP deu mais atenção à epidemia, dedicando-lhe 11 capas, ao passo que o jornal O Globo deu destaque ao tema em seis capas.

Partindo de nossas hipóteses iniciais, não podemos afirmar que o interesse da imprensa pela epidemia de AIDS diminuiu a partir de 1996, quando o Programa Nacional de DST e AIDS lançou o primeiro consenso em terapia antirretroviral (regulamentação da prescrição de medicações para combater o HIV), momento em que foi decretada uma lei que garantiu o direito à medicação gratuita para tratamento e disponibilizado o AZT venoso na rede pública. As capas se dividem em oito anos antes de 1996 e oito anos depois. A partir da queda no número de óbitos, em função das novas drogas e de um maior investimento no tratamento do HIV, é possível acompanhar nas capas dos jornais as diversas transformações da doença. A FSP, por exemplo, publicou, até 1996, 104 matérias e, posteriormente, 90; o jornal O Globo publicou, no mesmo período, 45 matérias e, posteriormente, 38. É uma diferença pouco significativa para afirmarmos a hipótese inicial de que houve uma queda de interesse a partir da diminuição dos óbitos.

¹⁰ WikiLeaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.



Também não podemos afirmar que, uma vez convencida de que a AIDS não matava mais, a imprensa não contemplou da mesma forma os novos cenários, o novo perfil de doentes, as mudanças de rumo do HIV. O que nossa pesquisa mostra é que há um acompanhamento, mas que sai das capas e segue no interior dos jornais. A suposta desatenção com a epidemia, que poderia contribuir para a desinformação de um grupo que hoje é fatalmente acometido pelo vírus, como os jovens em especial, também não se pode comprovar a partir de nossa pesquisa. Não podemos afirmar que é de responsabilidade da imprensa a ausência do tema nas capas e/ou no interior dos veículos. Afinal, o que vai a público via imprensa é fruto de um esforço conjunto. A divulgação sobre a epidemia não é uma atribuição exclusiva da imprensa, mas também dos órgãos de saúde, da comunidade científica.

Igualmente, não se pode afirmar que a imprensa seleciona aquela informação que mais se adapta a sua linha editorial. Os jornais seguiram aquilo que os órgãos de saúde definiam como correto. Por exemplo, as denominações grupo de risco, comportamento de risco e vulnerabilidade foram definidas pela OMS, e não pela imprensa. Obviamente, a relação preconceituosa quanto aos homossexuais, drogados e profissionais do sexo também não é invenção ou privilégio da mídia, que apenas faz parte da sociedade e, por conta disso, reproduz seu discurso. Foi a própria sociedade que dividiu as pessoas em alagozes (gays, usuários de drogas injetáveis e prostituídos) e vítimas (hemofílicos, pessoas que fizeram transfusões de sangue e crianças). Os jornais acompanham o tratamento que a própria ciência dá aos acometidos por HIV/AIDS.

102

Nossa pesquisa também não comprova nossa hipótese de que o fato de a AIDS deixar de ser uma doença de homossexuais, drogados e prostituídos gerou a perda de valor para a imprensa. O que ocorre – e que pode ser observado em nossa pesquisa – é que a preocupação com a epidemia de forma contundente se dá enquanto ela faz muitas vítimas e gera muitos óbitos. A partir do momento em que se vive com AIDS, há um desinteresse da sociedade como um todo. O leitor também não se interessa por saber, e isso pode, sim, explicar porque atualmente, a AIDS volta a ser um problema entre os jovens. Também não podemos afirmar em nossa pesquisa que o fato de a epidemia ter avançado sobre as famílias e os lares possa ter chamado menos atenção dos veículos de imprensa. O jornal O Globo publicou, em 1996, uma matéria de capa para o Jornal da Família sobre mulheres infectadas por seus maridos. Ocorre que, se em 25 anos, não observamos nas matérias uma linha sequer sobre os HsH (homens que fazem sexo com homens), não podemos culpar os jornais e os jornalistas por isso. A bissexualidade masculina é um tabu em nossa sociedade. Pode-se culpar os gays, os drogados e os profissionais do sexo, com anuência de toda a sociedade, mas não se ousa levantar a questão de que homens casados que não se identificam com a orientação sexual homossexual vivam a bissexualidade. Se o tema foi discutido, ficou nos porões da comunidade científica e não chegou à imprensa de forma pujante.

De toda forma, não somos ingênuos de afirmar que a imprensa é vítima da comunidade científica, do Ministério da Saúde, da OMS, da UNAIDS, dos movimentos sociais, mas sim que a imprensa é parte da sociedade e, portanto, carrega em si todo o preconceito em relação ao sexo, à homossexualidade, às drogas, aos profissionais do sexo e à bissexualidade masculina, entre tantos temas. O que mais nos chama atenção nesta pesquisa não é o discurso jornalístico, aquilo que é escolhido para estampar as páginas dos periódicos, ou mesmo o juízo de valor, seja do jornalista, de seu editor ou inclusive do leitor; ou, ainda, a presença ou ausência do tema AIDS nas capas e páginas dos jornais.



Nem mesmo o discurso comprometido, fruto da nossa sociedade heteronormativa e machista, observado em nossa pesquisa, mas como a sociedade brasileira, em nosso caso, reage a uma epidemia que ainda, em 2016, mata e matará por muitos anos, apesar dos esforços mundiais. Chama nossa atenção como a sociedade brasileira – população, órgãos do Estado, ONGs, movimentos sociais – reage a um vírus que, após 40 anos, ainda infecta milhões de pessoas no mundo e milhares de brasileiros por todo o nosso território.

É verdade que a divulgação da AIDS é carregada de símbolos como medo e moral, mas também há muita esperança. O que observamos é que a imprensa reproduz o discurso das fontes consultadas, buscando atribuir as falas a personagens. As metáforas, os mitos, os estereótipos e os preconceitos divulgados pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo, no período estudado, refletem e reforçam o inconsciente coletivo. Dessa forma, a doença é fortemente ligada aos homossexuais, aos usuários de drogas injetáveis, aos hemofílicos e, posteriormente, àqueles que estão em vulnerabilidade. No caso do HIV e das outras DST, por exemplo, dificuldades econômicas podem impedir o acesso de algumas pessoas ao preservativo e aos serviços de saúde, o que aumentará as chances de essas pessoas terem mais relações sexuais desprotegidas do que aquelas que conseguem comprar os preservativos. Outras situações que determinam diferentes vulnerabilidades entre as pessoas são o acesso a ações e serviços de educação, a idade, o gênero, o acesso aos meios de informação, entre outras. A AIDS acabou por revelar as fragilidades sociais vividas pela sociedade durante o período estudado.

A divulgação da AIDS não teve o tempo todo efeito moralizante, muitas vezes se pôde ver a humanização dos pacientes, compreender e aprender sobre prevenção e revelar problemas enfrentados por todos os envolvidos com a questão no Brasil. Entretanto, não se pode esquecer do papel que desempenhou ao lembrar, constantemente, a população de seus deveres morais em frear a epidemia e, especialmente, dos “erros” que os soropositivos teriam cometido para terem sido contaminados. Devemos considerar que esse problema ganha força em virtude da escassez de informações e de meios de se chegar à população, deixando a mídia incumbida de fazer o papel de informar sobre a epidemia. É bem verdade que nesse caso não é só por seu papel de informar, mas também por audiência. Sabemos que a informação não chega aos leitores apenas porque deve ser transmitida, mas também atende aos interesses do emissor e do receptor.

Se há alguma coisa boa em tanta dor e em tantas perdas é que a AIDS propiciou que milhões de lésbicas, gays, travestis, bissexuais e transexuais não pudessem mais ser escondidos. Também os LGBTTs não se furtaram a enfrentar, ainda que vítimas da sociedade ultraconservadora, e se dedicaram a mais uma luta, a luta pela vida. Hoje, “fora do armário” lutam contra a homofobia, mas isso é tema para outra pesquisa, quem sabe para um pós-doutorado. Foram os gays, responsabilizados pela epidemia, que partiram para o enfrentamento e para a luta pela prevenção e pelos cuidados aos doentes, tanto que se pode observar, a partir de um dado momento, uma mudança no perfil infectados dentro da sociedade.

Finalmente, acreditamos que os resultados de nossa pesquisa possam colaborar para uma reflexão sobre a divulgação das informações da saúde junto à imprensa e, por conseguinte, pela imprensa à população. É nosso desejo que esta tese não seja vista como o nosso “objeto do desejo”. O Brasil, entre 2010 e 2015, passou de 700 mil para 830 mil doentes de AIDS, com 15 mil mortes por ano. Sozinha, a nação brasileira conta com mais de 40% das novas infecções por HIV da América Latina. Mesmo que saibamos que há indivíduos mais vulneráveis que outros, não se trata de uma doença restrita às populações



economicamente excluídas, uma vez que atinge todo tipo de pessoa, homens e mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e heterossexuais, ricos e pobres, e em todos os lugares do planeta. Todos os dias e horas, pessoas acessam informações que julgam credíveis nos órgãos da imprensa. Aproveitando, merece destaque o artigo de Richard Parker – *O fim da Aids? – para pensar na pergunta que o autor faz ao leitor: Estamos realmente próximos ao “fim da AIDS”* (ou de “uma geração livre da AIDS”)? Se não, como a imprensa poderá colaborar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- “AIDS. As epidemias dos vírus e das informações”. *Revista Ciência da Informação*, n.3, Brasília, MTC/CNPq, 1993.
- Aids no Brasil: um esforço conjunto governo-sociedade. Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, Ministério da Saúde, 1998
- ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro “quatro poder”: imprensa e compromisso político no Brasil, *Revista Contracampo* nº4. IACS/UFF, 2000
- BARROS, Clóvis de. “A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação”: uma proposta de investigação teórica sobre a obra de Pierre Bourdieu e suas ligações conceituais e metodológicas com o campo da comunicação. Tese de doutorado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.
- BASTOS, Francisco Inacio. AIDS NA TERCEIRA DÉCADA... Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. 104 pp. (Coleção Temas em Saúde).
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Editora Hucitec, 1999
- BESSA, Marcelo. *Histórias positivas*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1997.
- Boletim Epidemiológico, 2015 <http://www.aids.gov.br/publicacao/2015/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2015>, download feito em 1 de dezembro de 2015.
- BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2005
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001.
- CASCAIS, A.F. *A recepção da SIDA – imagens e mitos*. *Revista de Comunicação e Linguagem* n.10/11. Lisboa, UNL., 1990.
- CAMARGO, Ana Maria. *A AIDS e a sociedade contemporânea*. São Paulo, Ed. FUNCAMP, 1994.
- COURTINE, Jean “Analyse du discours, années zéro: quelques réflexions rétrospectives”. *Revista “Policromias – Estudos do Discurso, Imagem e Som”*. UFRJ, 2006
- COURTINE, Jean “Analyse du discours, années zéro: quelques réflexions rétrospectives”. *Revista “Policromias – Estudos do Discurso, Imagem e Som”*. UFRJ, 2006
- CURADO, Olga. *A notícia na TV – o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002. 194 p.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.



- FAUSTO NETO, Antonio. *Comunicação & Mídia Impressa: Estudo sobre a AIDS*. Editora Hackers, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1998.
- _____. *História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade III: o Cuidado de Si*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, edições Graal, 1986.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2001. Pg. 10.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança social*. Ed. UNB, 2001
- FORD, Anibal. *Navegações: comunicação, cultura e crise*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
- HARVEY, David. *Condições Pós-modernas*. São Paulo, Ed. Loyola, 2000.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Porto Alegre, Ed. DP&A, 6ª edição 2000.
- _____. *Encoding/decoding in television discourse*. In: Culture, Media, Language. Londres, Hutchinson, 1981.
- _____. *Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres, Routledge, 1996.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Sexualidade o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, d. Jorge Zahar, 1999.
- LAGO, Regina Ferro. *Bissexualidade masculina: dilema de construção de identidade sexual*, 1999. 1 v. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- LOPES, Denílson. *O Homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro, Ed. Aeroplano, 2000.
- MANN, Jonathan et al. (orgs.). *A Aids no mundo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993 321p. (História Social da Aids, 1)
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.
- _____. *Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina*. **Boletim INTERCOM**, n. 49/50, p. 23-35, 1984.
- _____. *La comunicación desde la cultura : crisis de lo nacional y emergencia de lo popular*. Trabalho apresentado no SEMINÁRIO LATINOAMERICANO SOBRE CULTURA TRANSNACIONAL, CULTURAS POPULARES Y POLÍTICAS CULTURALES, Bogotá, 1985.
- _____. *Comunicación y cultura : unas relaciones complejas*. **TELOS**, Madri, n. 19, p. 21-26, 1989.
- MONTEIRO, Simone; VILELA, Wilza *Estigma e Saúde*. Fiocruz, 2013. Pag. 207. <http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00311.pdf>, acesso em 13/07/2014
- MORLEY, David. *The Nationwide: Structure and Decoding*. London: BFI, 1980.
- _____. *Interpreting Television*. Milton Keynes: Open University Press, 1981.
- _____. *Cultural Studies and Communications*. Edited by James Curran, David Morley and Valerie Walkerdine. Arnold, 1996.
- _____. *The Nationwide television studies*. Edited by David Morley and Kuan-Hsing Chen. Routledge, 1999.



_____. *Family Television: Cultural power and Domestic Leisure* by David Morley and Stuart Hall, Paperback, 1998.

_____. *Home Territories: Media, Mobily and Identidy*. Library Biding, 2000.

Manual da redação da Folha de São Paulo. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 2013.

NASCIMENTO, Dilene R.. *As Pestes do Século XX. Tuberculose e Aids no Brasil: uma história comparada*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Ed. Pontes, 1999

_____. *As formas do silêncio – No movimento dos sentidos*. Campinas. Ed. UNICAMP, 2007

PARKER, Richard e outros(org.) *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA IMS, 1994

PARKER R, Agleton P. *Estigma, discriminação e AIDS*, Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; 2001. (Coleção ABIA, Cidadania e Direitos, 1).

PECHÊUX, M. “Semântica e discurso. Uma crítica da afirmação do óbvio. *Campinas*, Unicamp, 1997

_____. “*O discurso: estrutura ou acontecimento*”. Tradução. Eni Orlandi. 6ª edição Pontes. 1990

ROBINS, K. “*Tradition and translation: national culture in its global context*” In Corner, J. and Harvey, S.(orgs.), *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. Londres: Routledge, 1991.

ROSEMBERG, Charles e GOLDEN, E. *Framing Disease. Studies in Cultural History*. New Lersey, Rutgers University Press, 1977.

RUBIN, Antônio Albino Canelas, BENTZ, Ione Marina e PINTO, Milton José, *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*, Petrópolis, RJ: Ed. VOZES, 1998.

SARLO, Beatriz. *Cenas da idade pós-moderna*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2000.

SEFFNER, Fernando. *Cidadania, doença e qualidade de vida: o caso da aids*. In: *Cidadania e Qualidade de Vida*. Canoas, La Salle, 1998a 118p.

SEFFNER, Fernando. *Aids e(é) falta de educação*. In: SILVA, Luiz Heron. (org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura. A comunicação e seus produtos*. Petrópolis. Vozes, 1996.

SONTAG, Susan . *AIDS e suas metáforas*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2001.

_____. *Contra a interpretação*. Porto Alegre, Ed. LPM, 1996.

[SOUZA, T. C. C.](#) A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua (UNICAMP)*, Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.

TERTO Jr., Veriano. *Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS*. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, p. 90.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença. 1995.

FONTES DA INTERNET:

<http://www.aids.gov.br/>

<http://bireme.br>



<http://www.capes.gov.br>

<http://www.fiocruz.br/iciet>

<http://www.pelavidda.org.br/>

<http://portalweb01.saude.gov.br/saude/default.cfm>

<http://www.imediata.com/infoaids/linhadotempo/linha/linha1.html#>

<http://www.abiaids.org.br/> <http://scholar.google.com.br> <http://www.minerva.ufrj.br>